Apresentação;

O Coletivo **LAMBIDAS PERIFÉRICAS – ARTE POLÍTICA NAS RUAS!** Tem como público alvo a



população LGBTQIAP+ jovens pretas e pretos, moradores das periferias dos extremos da cidade de São Paulo. O coletivo encontra na arte e na comunicação visual um meio viável de chamar a atenção da sociedade acerca das questões que pautam o cotidiano da população LGBTQIAP+ preta e periférica. Com foco no enfrentamento à transfobia, homofobia, racismo e ao machismo, a partir de ações culturais compatíveis com os anseios da população LGBTQIAP+ periférica, promovendo ações, produtos e espaços para a difusão das culturas LGBTQIAP+ por meio de intervenções artísticas visuais temáticas informativas. Propõe ações de difusão de conhecimento, fortalecimento social, cidadania, cria estratégias de campanha formativa e contínua colaborativa, compartilhada e horizontal, e gera o protagonismo político, artístico e cultural do jovem LGBT preto periférico, enfrentando normativas hetero, proporcionando quebra de paradigmas impostos em nossa sociedade através de intervenções culturais temáticas propositivas para o fortalecimentos e visibilidade dos direitos da população jovem preta LGBTQIAP+ da periferia, enfatizando valores e conceitos sociais de autonomia, identidade, etnia, gênero e vulnerabilidades sociais, como ponto de partida construtivo de uma sociedade plural, integrada e mais sociável.

Proposta de atividade;

“Intervenção Artística Visual Lambidas Periféricas" com a temática da visibilidade LGBTQIAP+ da periferia. Tem como objetivo a discussão étnica gênero social LGBTQIA+ no circuito cultural da cidade de São Paulo, considerando o protagonismo da negritude LGBTQIA+ das periferias, através de apresentações artísticas visuais temáticas com a participação de artistas LGBTQIA+. A proposta é

promover a visibilidade e a valorização das habilidades e competências dos coletivos artísticos LGBTQIA+ das periferias, assim como, viabilizar o acesso da população ao contato com a arte e cultura do movimento LGBTQIA+ negro periférico. O Coletivo Lambidas Periféricas emerge e se destaca como um conjunto de ações culturais coletivas e compartilhadas de jovens pretos moradores dos extremos periféricos da cidade de São Paulo, que instaura fatores e possibilidades de novas vivências, e reflexões, e tencionam toda a cena do contexto social periférico, pois abre espaço para que corpos negros LGBTQIA+ performem em resistência às adversidades cotidianas, por meio da cultura e artes visuais, circula pela cidade, levando performances artísticas tematicas informativas, e ocupa espaços na luta por garantia dos direitos sociais.

Nosso interesse é:

➢ Promover a criação, produção, difusão e circulação de produções culturais artísticas da população Negra LGBTQIA+ das periferias da cidade de São Paulo;

➢ Produção de narrativas e conteúdos qualificados sobre a temática trans preta periférica da cidade de São Paulo;

➢ Valorizar o potencial criativo e estético dos artistas negros LGBTQIA + das periferias;

➢ Estimular a presença da arte e da cultura dos movimentos LGBTQIA nos equipamentos públicos e nas mídias sociais;

➢ Proporcionar acesso a debates informativos, protagonismo e enfrentamento coletivo e compartilhado;

➢ Garantir ações de enfrentamento contra a violência à população LGBTQIA+ a partir de práticas cidadãs, culturais e artísticas, autoformação e multiplicação de saberes;

Histórico de atuação do coletivo;

O Coletivo, inicia em 2015, através de ações coletivas, auto gestionadas e compartilhadas junto a



projetos, feiras, festivais e eventos realizados nas periferias da cidade de São Paulo, nos bairros do Capão Redondo, Jardim Ângela, Chácara Vila do Sol, Jardim Vera Cruz, Jd Mitsutani, Jardim Rosana, Parque Fernanda, Campo Limpo, Parque Santo Dias, Cidade Ademar, bairros localizados no extremo sul, em bolsões com alto índices de vulnerabilidade social, onde o acesso a serviços públicos, inclusive culturais e educacionais são restritos e limitados. Com a proposta de levar formação, oficina de artes visuais e intervenções artísticas, o coletivo Lambidas Periféricas se articula para participar de ações onde possa ter o projeto como ferramenta de difusão de conhecimento e arte transformações, entendimentos sociais compartilhados, com ênfase no enfrentamento a diversas violências étnicas, raciais e transfóbicas. Utilizamos da arte e da comunicação visual para a quebra de paradigmas, compreendendo tais áreas como potentes meios de transformação social e cultural. Desde 2015, o coletivo produz conteúdos autorais e formativo, em virtude de identificarmos escassez em conteúdos que abordasse a temática LGBTQIAP+ da periferia, com o objetivo de promover a visibilidade da população LGBTQIAP+ das periferias da Zona Sul de São Paulo. O Coletivo reúne acúmulos culturais e sociais da população LGBTQIAP+ das periferias da cidade de São Paulo e promove ações de enfrentamento contra a violência e discriminação à população LGBTQIAP+ a partir de práticas cidadãs, culturais e artísticas.



Gisele Pinheiro, Produtora Cultural e Arte Educadora com foco no fortalecimento e difusão das culturas LGBTQIAP+ a partir das vivências culturais e sociais em ambiente coletivos, equipamentos públicos e periféricos, tem como base estrutural o diálogo informativo, ações culturais e artes visuais. Utiliza-se da cultura como ferramenta de inserção de protagonistas LGBTQIAP+ na dinâmica cultural da cidade, por meio de encontros temáticos, realização de saraus e intervenções artísticas visuais.

INTERVENÇÃO VISUAL SESC CATANDUVA



Uma ação do Sesc Catanduva, com o Coletivo Lambidas Periféricas e Conselho Municipal dos Direitos LGBTs de Catanduva em comemoração ao Dia Internacional Contra a Homofobia.

A intervenção visual de lambe lambe e stencil art "Lambidas Periféricas: Arte Política nas Ruas" tem como objetivo promover a visibilidade, a valorização dos coletivos artísticos LGBTQIA+ das periferias e o acesso da população ao contato com a arte e cultura desses coletivos.

O coletivo tem como proposta promover a criação, produção, difusão e circulação de produções artísticas culturais da população LGBTQIA + preta das periferias da cidade de São Paulo. Garantindo ações de enfrentamento contra a violência à população LGBTQIA+ a partir de práticas cidadãs, culturais e artísticas e multiplicação de saberes, proporcionando acesso a temáticas informativas, protagonismo e enfrentamento coletivo e compartilhado, valorização artística, produção de narrativas e conteúdos qualificados sobre a temática trans preta periférica.

O REGIONAL

Geral

Sesc celebra Dia do Orgulho LGBTQIA+ com intervenção virtual

Atividade terá podcast com o Conselho Municipal dos Direitos LGBTs de Catanduva

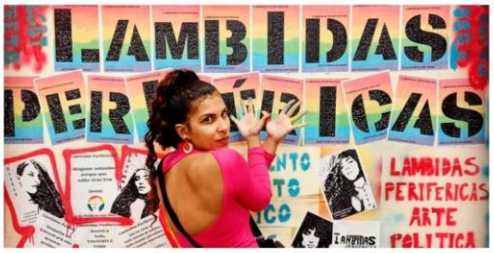


Foto: REPRODUÇÃO - Intervenção visual de lambe lambe e stencil art busca promover a visibilidade dos coletivos artísticos LGBTQIA+

Por Da Reportagem Local | 28 de junho, 2022



INTERVENÇÃO VISUAL CASA DE CULTURA SÃO RAFAEL



No dia 11 de junho de 2022 realizamos uma intervenção visual em homenagem ao Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+ que foi marcado por diversos movimentos, que teve início no final da década de 1960, nos Estados Unidos. Foi em 28 de junho de 1969 que os frequentadores do Stonewall Inn., bar gay no vilarejo de Greenwich, em Nova York, resolveram dar um basta nos anos de violência e perseguição policial aos seus membros, causando o "levante" ou "revolta" que daria origem ao movimento LGBT+ de hoje.





MÊS DO HIP HOP 2022 - INTERVENÇÃO VISUAL CASA DE CULTURA CHICO SCIENCE

Em sua 18ª edição, o Mês do HIP HOP 2022, por meio de apresentações artísticas, vivências, intervenções urbanas com os 4 elementos (BREAKING, GRAFFITI, MC e DJ), garante visibilidade e valorização da Cultura e do Movimento Hip Hop e sua intervenção na cidade de São Paulo; amplia o debate sobre políticas públicas para juventude; contribui para o combate à discriminação de raça e gênero; proporciona espaços de reflexão; contribui para a luta contra o genocídio da juventude pobre, preta e periférica, e propõe uma agenda de Hip Hop na cidade.





O Mês do HIP HOP é uma realização da Cultura Hip Hop da Cidade de São Paulo, organizada através da sociedade civil, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura, a Secretaria Municipal de Educação e a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania.





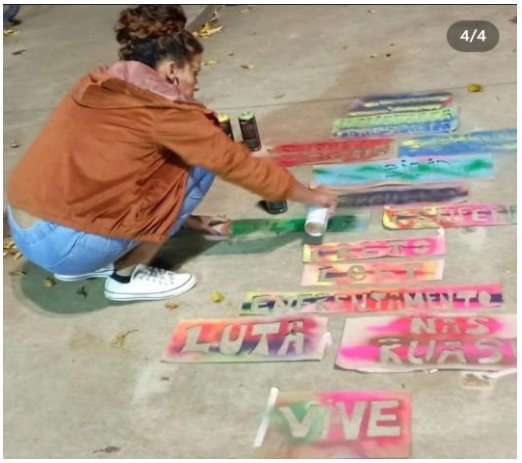
INTERVENÇÃO VISUAL CASA DE CULTURA HIP HOP SUL



No dia 7 de maio o coletivo Lambidas Periféricas promoveu uma homenagem ao Dia Internacional contra a LGBTfobia.

Na data 17 de maio, em 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID). É importante lembrar que o termo já havia sido retirado do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) em 1973, portanto o 17 de maio demarca mais uma vitória na luta contra o preconceito e a discriminação contra a população LGBTQIA+.

Contudo, apenas em 2019 a transexualidade é retirada da categoria de transtornos mentais. Pela nova edição da CID 11 ela passa a integrar a categoria de “condições relacionadas à saúde sexual” e é classificada como “incongruência de gênero”. Essas são conquistas importantes para a sociedade civil e que servem de orientação para o cuidado em saúde dessa população.



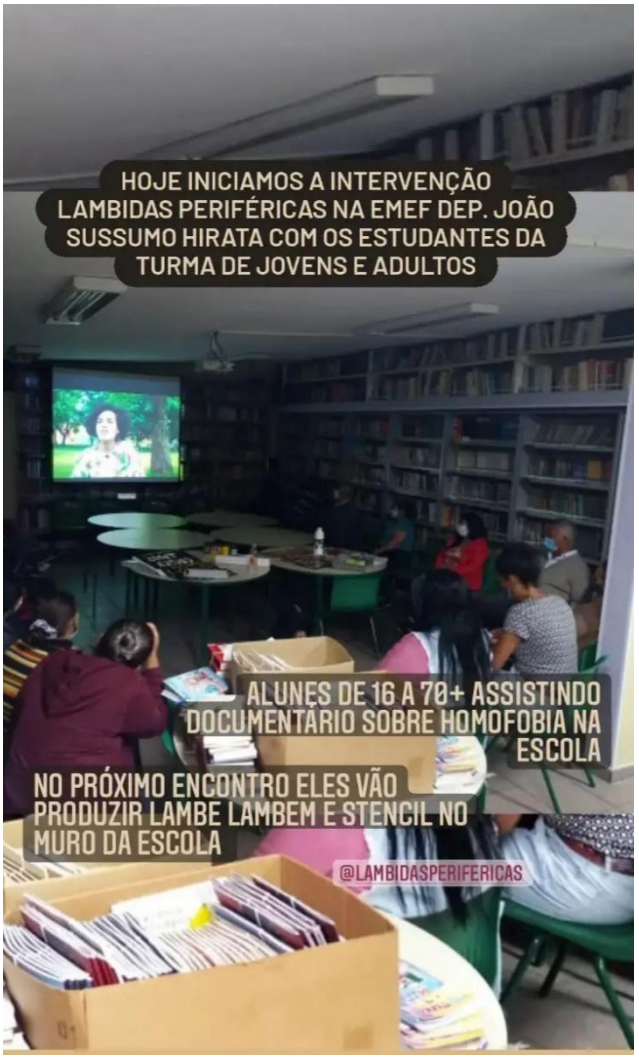


INTERVENÇÃO VISUAL CIDADE ADEMAR - ESCOLA DEP. JOÃO SUSSUMU HIRATA



Gisele Pinheiro artista visual, produtora executiva do projeto LAMBIDAS PERIFÉRICAS ARTE POLÍTICA NAS RUAS!, realizou uma intervenção cultural visual com os estudantes do EJA da Escola Dep. João Sussumu Hirata. A escola ainda não está preparada para acolher a diferença. Por isso, o período dos ensinos fundamental e médio costuma ser desafiador para LGBTs – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. É durante o percurso educacional que questões como corpo, sexualidade e afetividade começam a aflorar, gerando uma série de conflitos internos e externos. Qual é o espaço na escola para aqueles que não se encaixam no padrão heterossexual e cisgênero? Durante décadas, a diversidade sexual foi violentada e invisibilizada nas salas de aula. Hoje, eles enfrentam o ódio para construir um futuro diferente e permanecer na escola.





INTERVENÇÃO VISUAL CASA DE CULTURA BUTANTÃ

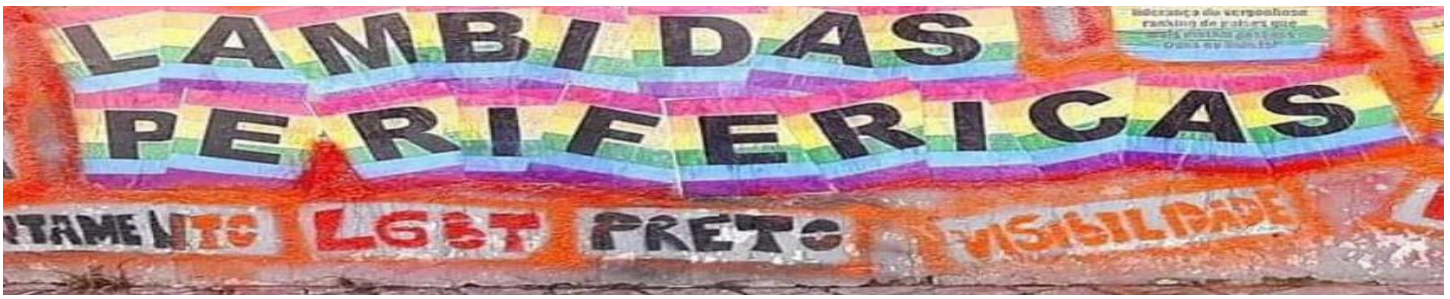
Intervenção visual na Casa de Cultura Butantã com a artista, produtora cultural, educadora e capoeirista Gisele Pinheiro.



LAMBIDAS PERIFÉRICAS ARTE POLÍTICA NAS RUAS! Tem como público alvo a população LGBTQIAP+ preta, moradores das periferias dos extremos da cidade de São Paulo. O coletivo encontra na arte e na comunicação visual um meio viável de chamar a atenção da sociedade acerca das questões que pautam o cotidiano da população LGBTQIA+ preta periférica. Com foco no enfrentamento a homofobia, transfobia , racismo e ao machismo, a partir de ações culturais compatíveis com os anseios da população LGBTQIAP+ da periferia, promovendo ações, produtos e espaços para a difusão das culturas LGBTQIAP+ por meio de intervenções artísticas culturais, encontros de debates informativos temáticos e intervenções visuais.







INTERVENÇÃO ARTÍSTICA CULTURAL FÁBRICA DE CULTURA VILA NOVA CACHOEIRINHA



BATE-PAPO
INTERVENÇÃO CONSCIÊNCIA TRANS NEGRA
com Gisele Pinheiro
14/11 às 20h30

FÁBRICAS DE CULTURA

A Fábrica de Cultura Vila Nova Cachoeirinha convida para um bate papo Gisele Pinheiro, artista visual e articuladora do coletivo Lambidas Periféricas Arte Política nas Ruas! Vídeo temático informativo sobre o cotidiano de lutas e conquistas de coletivos e indivíduos LGBTQIA + que residem em favelas e periferias da cidade de São Paulo sob três conceitos: arte, periferia e diversidade, relatando sobre o cotidiano de enfrentamentos da comunidade LGBTQIA + no âmbito das favelas, abordando as dificuldades da aceitação social ou familiar, mercado de trabalho, cenário artístico, contribuindo para o resgate histórico do movimento e disseminando as demandas atuais ao combate da transfobia.







INTERVENÇÃO ARTÍSTICA CULTURAL CASA DE CULTURA SÃO MIGUEL



Edição especial com a idealizadora do coletivo Lambidas Periféricas, Gisele Pinheiro, é produtora executiva cultural, arte educadora, empreendedora, é pesquisadora da cultura popular, especialista em culturas em diáspora e seus desdobramentos estéticos e territoriais. Realizadora, percorre caminhos poéticos e estéticos ligados a manifestações de paz, amor e ancestralidade. Priorizou em sua trajetória estratégias independentes de produção cultural, tendo a cultura periférica como eixo norteador, o que a levou a estruturar seu trabalho de empreendedora e produtora executiva através da ressignificação da cultura preta periférica, utilizando elementos dentre tantos das cultura negras em diáspora, e ainda culturas urbanas, explorando novas possibilidades e arranjos pelo viés do audiovisual, estética, literatura e ambientes sociais periféricos característicos da contemporaneidade, além é claro, de explorar as diversas possibilidades encontradas na música negra. Tem como proposta ocupar o espaço urbano em todas as esferas, periferias, centros e espaços simbólicos para a população, intervindo diretamente no cotidiano comum da cidade, proporcionando vivências singulares. Atualmente é empreendedora e empresária cultural, desenvolvendo aprendizados diversos dentro do setor da produção cultural e artística. Integra o Sarau Enfrentamento Preto, onde atua como mestre de cerimônia e poeta. É coordenadora e artista visual no coletivo Lambidas Periféricas – Arte Política nas Ruas! Nessa programação Gisele Pinheiro expôs sua arte, sua voz e compartilhou sua história de vida e o nascimento desse coletivo que é de suma importância em sua vida. A programação ocorreu de forma online com duração de 60 minutos. A gravação do show e entrevista foi realizada em estúdio por uma equipe especializada profissional que garantiu a qualidade no nosso trabalho. A intervenção visual aconteceu na Casa de Cultura São Miguel.







INTERVENÇÃO ARTÍSTICA CULTURAL CASA DE CULTURA HIP HOP SUL



O Dia Internacional do Orgulho LGBT é comemorado no dia 28 de junho, e o coletivo Lambidas Periféricas apoia as datas que buscam o reconhecimento da (r)existência do público LGBT na sociedade. Propomos para essa data "INTERVENÇÃO ARTÍSTICA CULTURAL" com a temática da visibilidade LGBTQIA + da periferia. O evento teve como objetivo a discussão étnica gênero social LGBTQIA+ no circuito cultural da cidade de São Paulo, considerando o protagonismo da negritude LGBTQIA+ das periferias, através de apresentações artísticas, encontros de debates temáticos informativos e amostra de intervenções visuais, com a participação de artistas LGBTQIA+. Evento online, com duração de 90 minutos. A gravação foi realizada por uma equipe especializada em livestream full HD, que garante excelência e qualidade no nosso trabalho. Nesse evento convidamos para uma apresentação artística de dança o IDM Identidade em Movimento, o grupo tem como vivência as danças de rua (Breaking, Popping, Locking, Wacking, Vouging e etc.), Ballet Clássico e Dança Contemporânea. Com coreografias e células coreográficas, que são resultado de pesquisas investigativas corporais e artístico pedagógicas, aprofundadas com critério e rigor. Tivemos troca de ideias com o Michael, integrante do Grupo que compartilhou conosco sua experiência sobre ser um dançarino LGBT, como foi compartilhar com o Grupo, aceitação familiar e social. Para o debate temático tivemos como convidada Natasha Princess, travesti, drag queen Preta periférica, residente do Capão Redondo, contou sobre seu cotidiano de enfrentamentos, carreira e sonhos. Ao final do debate fez uma apresentação artística do bate cabelo, movimento que começou no Brasil trazendo para a arte a força do movimento LGBTQIA. E a intervenção visual ficou por conta da artista visual e produtora cultural do projeto Gisele Pinheiro, que através da art stencil e lambe lambe propõe uma reflexão sobre os enfrentamentos da população LGBT preta periférica. Nossa Live teve quase 400 compartilhamentos e mais de 900 reações e comentários.




NINGUÉM VAI
APAGAR
AS
HIP HOP


LAMBIDAS
PERIFÉRICAS
ARTE
POLÍTICA
NAS RUAS!
CASA DE
CULTURA


LAMBIDAS
PERIFÉRICAS
ARTE
POLÍTICA
NAS RUAS!
CASA DE
CULTURA
HIP HOP
LGBTQIA


Hug Life
CREW





INTERVENÇÃO ARTÍSTICA CULTURAL CASA DE CULTURA CAMPO LIMPO



O Coletivo Lambidas realizou uma Intervenção Cultural Artística em homenagem ao dia 28 de Junho (Dia do orgulho LGBT). Evento online, com duração de 90 minutos. Gravação realizada no estúdio Pro Live, equipe profissional em live stream em fullHD. Propomos para essa data uma programação que amplifique a narrativa da cultura transviada, preta e marginal. Tivemos como convidadas, as Irmãs de Pau, Isma e Vita Pereira, dupla de travesti multiartista que transita pelo funk, trap, vogue, dancehall e afrobeat. Traemme, cantora e dançarina usou a música para passar uma mensagem contra o preconceito e o machismo e discute sexualidade nas músicas a partir do universo das mulheres trans e travestis da periferia. Intervenção visual de Gisele Pinheiro que prioriza em sua trajetória estratégias independentes de produção cultural, tendo a cultura periférica e urbana norteadoras, o que a levou a estruturar seu trabalho de empreendedora e produtora executiva através da ressignificação da cultura preta periférica. Dj Simonne Lasdenas, a mais de 20 anos nos toca discos. Vinicius Faustino, produtor audiovisual, articulador e entrevistador. No período de sete dias a live teve 6,6 mil visualizações.








LAMBIDAS
LAMBIDAS PERIFERICAS ARTE POLITICA NAS RUAS!







ENCONTRO TEMÁTICO E INTERVENÇÃO VISUAL PARQUE STO. DIAS CAPÃO REDONDO



O coletivo Lambidas Periféricas promoveu no Parque Sto. Dias, localizado no Capão Redondo encontros temático sobre "LGBTs nos espaços públicos de lazer", após o encontro realizamos oficinas de lambe lambe e Intervenção artística,

Após a oficina, intervimos pelo entorno do Parque, aplicando os lambe lambe em muros, postes, paredes, residências e comércios que nos autorizou. Durante a intervenção dialogamos com moradores, falamos sobre a proposta da nossa ação de intervenção e da nossa luta ao enfrentamento a homofobia, transfobia, violência e preconceito. Estimamos que neste dia alcançamos diretamente o número de 1000 pessoas, e indiretamente 10.000 pessoas. Esta intervenção artística conquistou espaço nos muros das ruas da localidade, sendo amplamente comentado, respeitado e discutido entre grafiteiros e pixadores da localidade, o que nos garantiu diálogos e rodas de conversas sobre a importância das temáticas abordadas no nosso trampo e ainda quais eram suas contribuiçõespara a cultura do lambe lambe, stencil art e artes urbanas na cidade.










-REPRESSÃO
+LACRAÇÃO


RESPEITE
AS
MON.MONA


-REPRESSÃO
+LACRAÇÃO


PERIFÉRICA
ARTE
POLÍTICA



INTERVENÇÃO VISUAL CENTRO DE CIDADANIA LGBT LAURA VERMONT



O Coletivo Lambidas Periféricas participou do Festival do Livro e Literatura de São Miguel Paulista. O encontro ocorreu noCentro de Cidadania LGBT Laura Vermont, e foi articulado pela Produtora Cultural e Arte Educadora Gisele Pinheiro, em parceria com Vinícius Faustino e ainda com intervenções de outros coletivos e artistas parceiros do coletivo. Realizamos um bate papo com os familiares da trans Laura Vermont, 18 anos (morta violentamente pela polícia em 2015). Em homenagem a Laura Vermont produzimos os stencil e lambe lambe, e realizamos uma intervenção artística no local onde a Laura foi morta. Em relato da família, eles disseram que Laura não teve o pedido de socorro atendido, o assassinato aconteceu a poucos metros da casa onde morava. Ela foi abordada por cinco homens que a agrediram violentamente na rua,em seguida em busca por socorro a qual foi negada por todos que passavam, uma viatura da polícia militar abordou-a. Poucos metros à frente, filmagens mostram ela sendo lançada para fora do carro, só que muito mais ferida e com um tiro. Em 2020 o caso ainda está em processo de julgamento. Esse como tanto outros casos aguardam seus desfechos na justiça criminal, e com isso vemos como nossos corpos, são violentados até mesmo depois de ausência de vida, importante lembrar que a obrigação em resolver um caso de crime à vida, edo estado, e não da sociedade, organizada ou não, familiar ou não, nós cobramos, cobraremos, e seguiremos em luta com apoio da arte e da cultura, e essa ainda a função deste coletivo, criar estratégias de ações e projetos que visam a difusão de enfrentamento ao racismo e a transfobia, cientes que para nós periferia, negros, mulheres e trans o Brasil é o país mais violento do mundo. Essas ações foram realizadas com o intuito de promover encontros para debates e reflexões sobre a transfobia. E a partir disso criar coletivamente o enfrentamento a essa realidade violenta de nossa sociedade.








TODOS
CONTR
TRANS-
FOBIA
MENOS
PRECONCEITO




Laura Vermont
MENOS
PRECONCEITO
TODOS


09
11
16
LAMBIDAS PERIFERICAS - ARTE POLITICA NAS RUAS
FESTIVAL DO LIVRO E DA LITERATURA DE SÃO MIGUEL PAULISTA.
INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS
OFICINAS
SARAUS
CONVERSA COM AUTORES
VENDA E TROCA DE LIVROS
NESTE DIA BATEREMOS UM PAPO LGBT,
E PRESTAREMOS UMA HOMENAGEM EM
FORMA DE INTERVENÇÃO ARTISTICA
POLITICA USANDO DA ARTE DO
LAMBELAMBE À LAURA VEMONT
TRAVESTI MORTA VIOLENTAMENTE
PELA PM.
AVENIDA NORDESTINA, Nº 3.554.



ENCONTRO TEMÁTICO E OFICINA DE LAMBE LAMBE, STENCIL CEU VILA DO SOL E CCA BANANAL

Levamos o Coletivo Lambidas Periféricas, para dentro das escolas e CCA, ações articuladas por



Vinicius Faustino, junto com a gestão cultural do CEU Vila do Sol no Jardim Vera Cruz - Extremo Zona Sul. Com programações culturaise atividades com os alunos do EMEF e CCA Bananal. Batemos um papo sobre LGBT dentro das escolas. Em diálogo franco, aberto e sincero com amigos e família como eles dialogam sobre sexualidade. Garantindo os direitos previsto no ECA. Recebemos relatos sobre preconceito, racismo, intolerância religiosa, violência doméstica e bullying, e outras formas de violências, que permeia as redes sociais e aplicativos de mensagens. Tivemos contato com uma infinidade de histórias reais, e percebemos que através da arte e da cultura alcançamos a essas crianças e adolescentes. e promovemos espaço de reflexão, troca de ideias e experiências, lugar de fala e escuta, além do compartilhamento de técnicas artísticas. Com suporte das artes urbanas e ainda elementos da cultura Hip Hop, que quase sempre é taxada de machista.



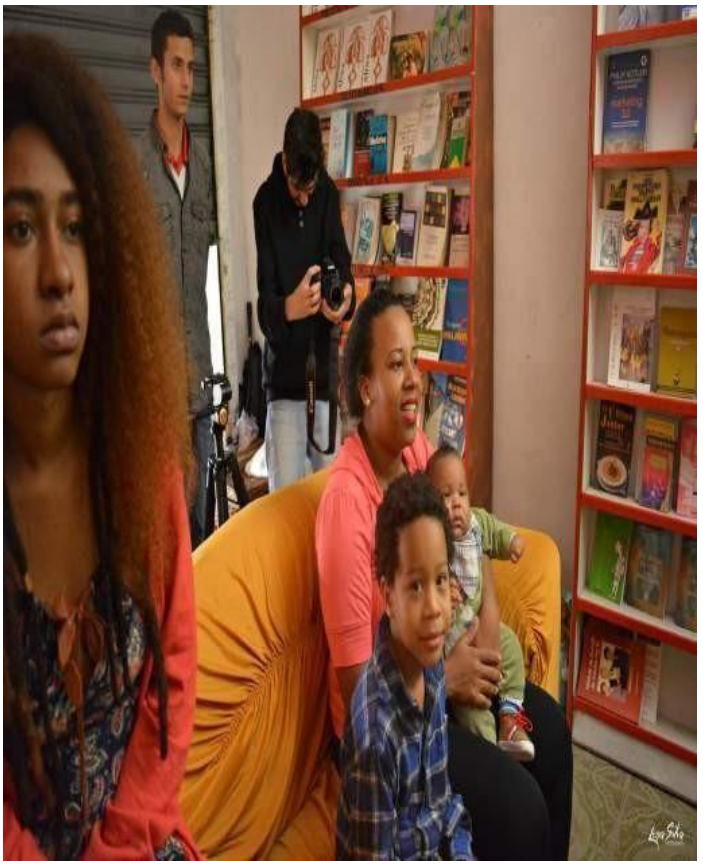
















INTERVENÇÃO ARTES VISUAIS FESTIVAL HERDEIRAS DE AQUALTUNE



O Coletivo Lambidas Periféricas participou do evento Festival Herdeiras de Aqualtune. Evento produzido para difundir a arte da periferia, e ainda os processos de protagonismo e empreendedorismo afrocentrado periférico, aconteceu no Parque Santo Dias, com até 10 horas programação artística e cultural. .O Lambidas Periféricas contribuiu com oficinas de artes visuais para crianças, jovens e adultos, e intervenção artística de estêncil, grafite e lambe lambe feita pela Arte Educadoras Gisele Pinheiro e Pri Mendes. E parcerias do coletivo com o Graffiti. A ação aconteceu dentro do parque, com desdobramentos nas ruas do entorno. Garantindo ainda a difusão paraos moradores da localidade do Bairro do Capão Redondo e Cohab Adventista. Os Grafites foram feitos próximos a escolas e postos de saúde, em ruas de grande circulação do território,por exemplo a Ruas Elias Maas, e Comendador Santana.





LAMBIDAS PERIFÉRICAS

DEBATE INFORMATIVO E OFICINA E INTERVENÇÃO ARTÍSTICA CENTRO CULTURAL GRAJAÚ



No Centro Cultural Grajau, realizamos um encontro de debate temático sobre LGBTQIAP+ nosespaços culturais e nas artes visuais. Participaram crianças, jovens e adultos frequentadores do espaço, e moradores da localidade,que se interessaram pelo tema e pela oficina de lambe lambe, stencilart e grafite. No decorrer da atividade a interação do grupo foi grande, possibilitando a troca de ideias, compartilhamento de experiência e produção da intervenção artística no local. Possibilitando processo reflexivos e novos entendimentos compartilhados e coletivo, este espaço tornou-se único na cidade, pois poucos equipamentos públicos culturais compreendem e dialogam a questão LGBTQIAP+ na periferia.










LAMBIDAS PERIFERICA
LGBT RESISTE VIVE!
SOMOS IGUAIS
É AMOR NÃO DOENÇA
LAMBIDAS PERIFERICAS
ABRA SUA MENTE LGBT
TAMBÉM É GENTE









ARTE POLITICA NAS RUAS

ASSEMBLEIA DE ENFRENTAMENTO CONTRA HOMOFOBIA EM PARCERIA COM ESCOLA FAGUNDES VARELLA, CCA E CJ TURMA DA TOUCA

Firmamos parceria com a escola Francisco de Paula e com CCA Turma da Touca, ambas localizadas no Jd. Mitsutani, levamos as contribuições do Coletivo para a construção deuma escola sem homofobia, e outras formas de preconceito e violência, abordamos como se dá o processo de aprendizagem de gênero, situando o contexto escolar como determinante para esta construção. Desta forma, alertar para a complexidade da construção da identidade, inclusive sexual, que não pode ser reduzida às explicações ambientais e genéticas. Com a aprendizagem do respeito à identidade e à orientação sexual do outro, do que é diferente e por vezes considerado minoria. Principal objetivo do coletivo, em consonância com uma educação para de tolerância, paz, solidariedade e colaboração fortalece-se uma educação inclusiva, já que as diferenças são constitutivas nas diversas sociedades, contextos sociais e culturais.



SARAU LAMBIDAS PERIFÉRICAS NOS CCA E CJ JD. MITSUTANI



A proposta do Sarau Lambidas é divulgara cultura LGBTQIAP+ das periferias. Apartir do diálogo despertar o público para questoes de enfrentamento contra Lgtbfobia, Transfobia e homofobia,proporcionando um momento para a soma de conhecimentos, descobertas e vivências diversas. O sarau é também um momento de tomada de consciência, pois a cultura despert a sensibilidadedas pessoas para a realidade a sua volta e as estimula a refletir sobre ela a partir de outras linguagens. Enfatizamos que a segurança nesses espaços de aprendizagem deve ser fortalecida por políticas anti-homofóbicas e anti-discriminação de gênero, tornando-se um espaço onde os jovens possam se expressar sem a preocupação de serem humilhados, rejeitados ou maltratados.

VÍDEO DOCUMENTÁRIO



O Coletivo identificou uma escassez em conteúdos áudio visual que abordasse a temática LGBTQIAP+ No decorrer das nossas ações produzimos um vídeo documentário, e está disponibilizado online e físico, sendo distribuído de forma gratuitaem espaços públicos, educacionais e culturais. E ainda em ações do próprio coletivo, com o objetivo de promover a visibilidade da população LGBTQIAP+ das periferias da Zona Sul de São Paulo. Garantindo ações de enfrentamento contra a violência e discriminação à população LGBTQIAP+ a partir de práticas cidadãs, culturais e artísticas.

MÍDIAS SOCIAIS

Utilizamos as mídias sociais para aumentar o alcance das ações do projeto e promover o compartilhamento de informações e idéias com indivíduos e grupos que se interessem por questões ligados às temáticas pertinentes a cultura LGBT periférica.







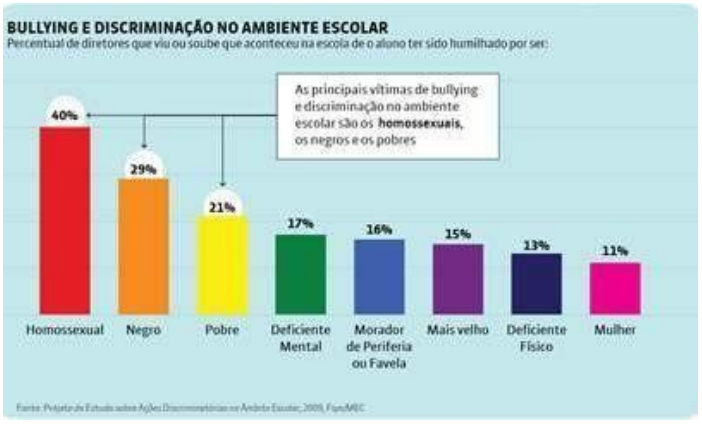




MANIFESTO LAMBIDAS PERIFÉRICAS

A escola é, por excelência, um dos principais espaços de formação para a cidadania e de socialização de crianças, adolescentes e jovens. Principalmente na periferia ela ainda tem uma função social exclusiva, pois é neste espaço que os jovens de maneira ampla encontram-se e relacionam-se em grupos sociais ou não, no entanto, nem sempre se mostra capaz de lidar coma diferença, em particular com as questões ligadas à sexualidade e à orientação sexual. Múltiplas são as dificuldades do corpo docente e ainda da comunidade escolar em compreender essas possibilidades de diálogos e entendimentos, em partes dar-se por quadros de conservadorismo extremamente polarizado. Ou ainda por ausência de temas e políticas públicasque parametrizam essas temáticas em ambiente escolar. Esta dificuldade, ilustram não só nossasociedade, e suas diversas realidades, traz sérias consequências a todos os estudantes, prejudicando seu aprendizado e bem-estar. E também impede que a escola desempenhe adequadamente uma de suas mais importantes funções sociais nos dias de hoje: contribuir para o fortalecimento na sociedade de uma cultura que saiba respeitar e valorizar a diversidade. Todas essas "ausências do estado e da sociedade" no entendimento inclusive do que prevê o ECA, a criança, adolescente, tem seus direitos fragilizados.

Em 2009, pesquisa encomendada pelo Ministério da Educação à Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, da USP) concluiu que as principais vítimas de bullying e discriminação no ambiente escolar eram homossexuais, negros e pobres.



O estudo mostra ainda que a escola pode desempenhar um papel crucial para a diminuição desses efeitos negativos, criando um clima positivo e reduzindo o assédio homofóbico. Isso demanda a criação de um ambiente proativo e pautado pelo respeito às diferenças. Para tanto, temas como identidade de gênero e orientação sexual devem fazer parte das rotinas escolares e pedagógicas.

No Brasil, a inclusão dessa temática ainda não é uma realidade na maioria das instituições de ensino. Indicação disso é o fato de que mais da metade das escolas brasileiras que oferecem ensino médio não desenvolvem projetos sobre machismo e homofobia, segundo dados do Saeb2011. E há ainda o agravante de estar crescendo no país um movimento de pressão poromissão desses temas no ambiente escolar. Lambidas Periféricas traz esse temática sistematizada para ser abordado com crianças, adolescentes e jovens, a partir das periferias sul, circulando a cidade pelas bordas da periferia, considera os bairros do Campo Limpo, Jd Ângela, Capão Redondo, expoentes desse universo, permite que os jovens dessas localidades possam expressar suas visões de mundo,

seus questionamentos e dúvidas a respeito de temas comuns nessa fase da vida. Colabora para que os jovens tenham referências sociais e culturais que lhes permitam compreender as questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual sem preconceitos – dentro e fora da escola, considerando a periferia, e suas localidades como bairros e bolsões acolhedores de suas identidades. O Coletivo Lambidas Periféricas compreende que a periferia paulistana pode e tem condição de irradiar e difundir estratégias de combate e enfrentamento coletivo.

O Coletivo Lambidas Periféricas, realiza ações e caminhos que possibilitem o enfrentamento eficaz da LGBTIfobia instalada na cultura de nosso país - e que vem sendo perpetuada pela falta de ações efetivas dopoder público no combate às violências e violações dos direitos humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (LGBTI), especialmente da população de travestis, mulheres transexuais, homens trans, transmasculines e demais pessoas trans pretas e pretos periféricos. Temos consciência que desde 2008, o Brasil se encontra com uma média de 118,5 assassinatos de pessoas trans por ano. Infelizmente nosso estado, lidera ou é protagonistas destes dados. Fazendo da nossa cidade, a cidade mais violenta para esta população na América Latina. Hoje, a queda nos números levantados pelas instituições da sociedade civil, que sempre foram alvo de contestação e se encontram na mesma média da população em geral, representa a importância de seguirmos pressionando esse Estado agressivo genocida paulistano, tanto por ausências de políticas públicas, quanto pela naturalização das violências para esta população. O Coletivo Lambidas Periféricas, dentro de suas ações promove, e visa o enfrentamento dessas realidades com a difusão, popularização e a problematização destes dados.

O Brasil naturalizou um projeto de marginalização das travestis. A maior parte da população Trans no país vive em condições de miséria e exclusão social, sem acesso à educação, saúde, qualificação profissional, oportunidade de inclusão no mercado de trabalho formal e políticas públicas que considerem suas demandas específicas. Percebe-se, ainda, uma equivalência do aumento dos casos de violência no mesmo momento em que se inicia uma cassada aos direitose avanços em prol da população LGBTQIAP+.

Dados do TvT indicam um total de 816 assassinatos de pessoas transgênero em 55 países, entre primeiro de janeiro de 2008 e 31 de dezembro de 2011. A maioria dos 816 crimes ocorreu na América Latina (643 – 78,80% do total), com expressiva participação brasileira, que conta com 325 assassinatos no período de 3 anos pesquisado, seguida da Ásia, com 59.

Figura 1: Distribuição mundial dos assassinatos de pessoas transgênero.



A tabela 1 aponta os principais locais de ocorrência dos crimes, causas das mortes e profissões das vítimas, compondo um perfil de circunstâncias frequentes.

		N	n (%816)
Locais dos crimes	Rua	134	16,42
	Residência	73	8,95
	Veículo	14	1,72
Causas das mortes	Alvejamento	310	37,99
	Esfaqueamento	159	19,48
	Espancamento	80	9,80
	Apedrejamento	42	5,15
Profissões das vítimas	Profissional do sexo	227	27,82
	Cabeleireiro(a) ou dono(a) de salão	25	3,06

Tabela 1: Distribuição das principais características dos assassinatos.

A América Latina é, destacadamente, a região com os piores índices: 204, 82,26% do total global, seguida da Ásia, com 17, apenas 6,85% das mortes em todo o mundo. Pode-se considerar que a tradição machista e sexista da cultura latino-americana tenha alguma influência nesses resultados extremamente negativos. A gravidade dos dados coletados no Brasil, entre 2008 e 2011, acentua- se quando comparados com os de outros países, em diferentes continentes, com nível semelhante de liberdade de imprensa e mobilização social, fatores que aumentam a probabilidade de divulgação de crimes de ódio, conforme a tabela 2.

País	**Brasil**	**México**	**Argentina**	**EUA**	**Portuga**	**África do Sul**	**Índia**
Número de assassinatos	325	60	18	52	1	1	10

% em relação ao Brasil	----------	81,5% menor	94,5% menor	84% menor	99,7% menor	99,7% menor	96,9% menor

Tabela 2: Quadro comparativo de assassinatos em diferentes países e no Brasil.

Demonstra a tabela 2 que, internacionalmente, o número de assassinatos é menor se comparado ao Brasil, país em que a extrema transfobia estrutural, processo sociocultural que nega a cidadania das pessoas transgênero, torna-se mais visível quando se remete a dados tangíveis como os supracitados. Em números absolutos, São Paulo foi o estado que mais matoua população trans em 2019, com 21 assassinatos, contando com aumento de 50% dos casos em relação a 2018.**Tabela: Ranking por estado**

Ranking	Estado	2019	Estado	2018	Estado	2017
1º	SP	21	RJ	16	MG	20
2º	CE	11	BA	15	BA	17
3º	BA	8	SP	14	CE	16
4º	PE	8	CE	13	SP	16
5º	RJ	7	PA	10	RJ	14

Autora: BENEVIDES, Bruna, 2020.

A violência chama a atenção em todos os níveis de idade, mas as maiores chances de uma pessoa trans ser assassinada são entre 15 e 45 anos. O Mapa dos Assassinatos 2019 aponta que 59,2% das vítimas tinham entre 15 e 29 anos; 22,4% aquelas entre 30 e 39 anos; 13,2%
entre 40 e 49 anos; 3,9% entre 50 e 59 anos; e entre 60 e 69 anos, 1,3% dos casos. A vítima mais jovem noticiada em 2018 tinha 17 anos. Em 2019, 15 anos de idade, vendo-se uma queda em 2 anos do momento em que muitas pessoas trans passam a estar suscetíveis ao assassinato. No Atlas da Violência 2019, a média de idade de pessoas cis assassinadas entre 15 e 29 anos é de 53,9%. A morte de uma adolescente trans de apenas 15 anos ratifica o fato de que a juventude trans está diretamente exposta à violência que enfrenta no dia-a-dia. A morte prematura de jovens (15a 29 anos) por homicídio é um fenômeno que tem crescido no Brasil desde a década de 1980, de acordo com o Atlas da Violência 2019.

Neste ano, tivemos 82% dos casos identificados como sendo de pessoas pretas e pardas, explicitando ainda mais os fatores da desigualdade racial. Embora reconheçamos que a questão racial se dá de diversas formas e contextos em cada região/estado, atentemos ao fato de que éa população negra a que tem maiores chances de ser assassinadas. A cada 23 minutos, um jovem

negro é assassinado no Brasil. São 63 mortes por dia, que totalizam 23 mil vidas negras perdidas pela violência letal por ano, conforme destacado pela campanha Vidas Negras, lançada pelas Nações Unidas no país em novembro de 2017(ONU Mulheres, 2018). Muitos desses jovens são vítimas de LGBTfobia. O relatório de violência LGBTfóbica de 2011 revela que 52% de todas as vítimas – lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais – eram pessoas negras.

Estima-se que aproximadamente metade da população transexual tenta, em algum momento da vida, a morte voluntária. Problemas como invisibilidade, discriminação social, falta de apoio dos pais e familiares, estigma de doente mental e difícil acesso ao processo transexualizador são fatores de risco que contribuem para a ideação suicida ou mesmo para a sua concretização.

O processo de marginalização, discriminação e estigmatização que se concretiza no nosso dia-a- dia, como o elevado número de assassinatos, tentativas de homicídio, suicídios e violação de Direitos Humanos, afirmam o sexismo, o classismo, a LGBTfobia e o racismo.

A violência no Brasil tem cara, cor e endereço, além de sermos assinalados como uma sociedade extremamente violenta desde sua colonização. Mulheres trans jovens, pretas oupardas, cidadãs mortas nessa estatística aqui apresentada, não eram delinquentes que trocaram tiros com a polícia. De fato, vítimas e vivemos um mundo de incertezas: não trabalharemos, não teremos famílias e muitas não vão envelhecer, pois são assassinadas socialmente todos os dias.

A maior parte da população LGBTQIAP+ é colocada na marginalidade muito cedo e não tem acesso aos direitos básicos. Não conseguem acesso ao processo de escolarização e mercado de trabalho por conta do preconceito e discriminação. São pessoas que enfrentam a rejeição muito precocemente, passando por todo tipo de violência durante a vida.

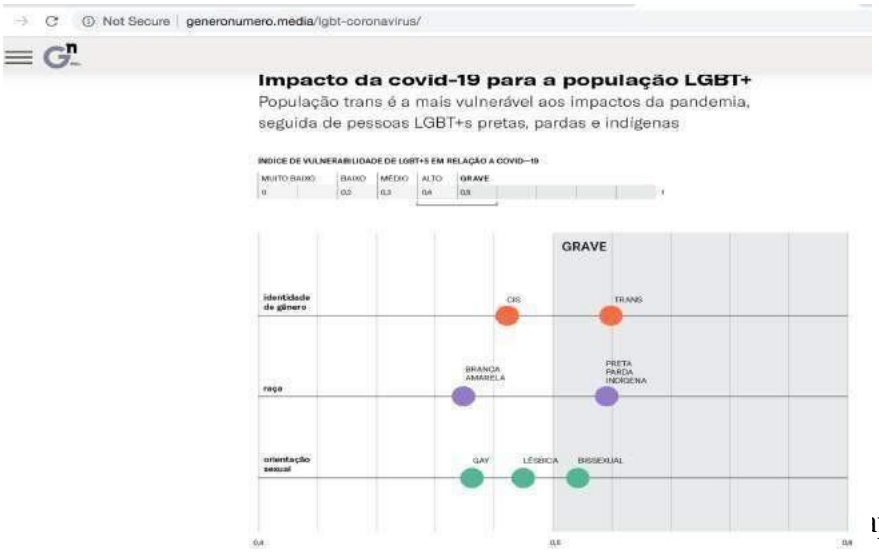
Elas nos informam que estamos vivendo num país transfóbico - e devemos lembrar disso, mas também, que este é um país do transfeminicídio, do genocídio da juventude negra e do racismo. Todos esses dados refletem a realidade da violência contra a população LGBTQIAP+ no Brasil,que leva ao seu assassinato social e até o suicídio.

Entre avanços e retrocessos, ainda estamos distantes, principalmente na realidade brasileira, deum estado que proteja e assegure os direito da população LGBTQIAP+. A possibilidade de progredir nessa direção está, sob a ótica da mobilização social aliadas à cultura, arte, formaçãoe a difusão de informações, como forma de influência dos grupos sociais marginalizados, em que as pessoas que vivenciam a dimensão das transgeneridades (ou transgeneralidades), orientadas por políticas de cunho identitário, tornem a sua realidade cada vez visível, e continuem lutando, dentro dos sistemas legais e políticos, para propiciar um maior reconhecimento de sua humanidade e da justeza de suas várias demandas. Dentre elas, o direito à identidade, e antes desta, o direito à vida.

Quando determinados grupos sociais conquistam direitos antes negados, toda a população se beneficia com essa conquista, pois não há como se falar em democracia se algumas ainda vivem invisibilizadas perante a sociedade.

Durante esse período de pandemia (Covid-19) o coletivo realizou série de encontros temáticos online com outros agentes culturais das periferias da cidade com foco nos diálogos coletivos para

construção de estratégias de enfrentamentos e abordagens temáticas. Difundindo e considerando dados atualizados de serviços de mídias e ong que apontam dados extremamentetriste para nossa realidade que apontam o Brasil, e a Cidade de São Paulo, maiores índices de mortes a pessoas trans no mundo. Conforme descrito abaixo:



"O Índice Vulnerabilidade LGBTQIAP+ em relação acovid-19 (VLC) é um índice que varia entre 0 e 1. Quanto mais próximo a 1, maior a vulnerabilidade ao novo coronavírus do grupo analisado.O VLC é aplicado a três variáveis: renda e trabalho, saúde, exposição ao risco. aprofundam a condição de vulnerabilidade, que já é alta entre os grupos. Pretos, pardos e indígenas, por exemplo, possuem 22% mais chance de indicar falta de dinheiro como a maior dificuldade da quarentena do que brancos e amarelos." Fonte: http://www.generonumero.media/ . Segundo o site, em matéria publicada em 27 de junho de 2020, as véspera do orgulho LGBT. Transfobia: 11 pessoas trans são agredidas a cada dia no Brasil. Levantamento exclusivo da Gênero e Númeroa partir de dados do Ministério da Saúde revela aumento de 800% das notificações de agressões contra a população trans de 2014 a 2017; Tocantins é o estado com maior taxa de violência.

POESIA

O Coração da Travesti - Bruna Benevides



O coração dela foi arrancado! Ela teve seu corpo usado. O assassino se lambuzou em seu corpo. Devem ter gozado. Nunca se viram. Não se conheciam. Um monstro. Brutalidade e abjeção mãos dadas ao sagrado. Em nome DEle. Ele colocou uma santa no lugar no coração dela. Em nome DEle. Ele abriu seu peito com cacos de vidro.Mas quem era ela? Quem era essA demônio queele quis exorcizar com seu ímpeto incentivado pelo discurso religioso que nos demoniza. Ele aparece nas mídias e sobre ela a gente não sabe nada. Ela está morta. Nasceu morta E morreu morta. Invisível Sua história foi apagada Ela não tinha nome? Família? Ninguém a conhecia? O apagamento dela é inaceitável e isto não é um bom sinal.

Quem será a próxima? Precisamos humanizar a vítima, Lhe dar um rosto, pois a estão demonizando. O mundo precisa saber quem é ela. Eu quero saber! Precisamos purificá-la. Chega de naturalizar A violência contra nós. O demônio é ele! E ele está solto, vivo. Ela não. Nós também não!

Bruna Benevides: A resistência da primeira mulher trans na ativa da Marinha brasileira

Ela foi diagnosticada com "transexualismo" e batalha na Justiça para voltar a cumprir suas funções: "Esta revolução que está acontecendo não começou com a Bruna e não termina agora Bruna é a Segundo-Sargento da Marinha do Brasil, e há 21 anos ingressou na carreira militar. Uma trajetória comum, mas cercada pela transfobia.